

Curso de Libras para Educadores



Este curso de **Libras para Educadores** foi desenvolvido com foco na **Educação Especial** e na **Inclusão Escolar**, oferecendo uma formação robusta para profissionais que buscam excelência no atendimento a alunos com surdez. Através de uma abordagem que une a **Psicopedagogia**, o **Desenvolvimento Cognitivo** e a **Linguística da LIBRAS**, o programa capacita o professor a mediar o conhecimento de forma eficaz. O domínio da Língua Brasileira de Sinais é fundamental para garantir a **Acessibilidade Curricular** e combater barreiras na **Educação Bilíngue**. Ao longo desta formação, exploramos estratégias didáticas voltadas para a **Neurociência da Aprendizagem** e a legislação vigente, como a Lei de Inclusão, preparando o educador para atuar de forma técnica e humanizada em salas de aula regulares ou em Atendimento Educacional Especializado.

O QUE VOCÊ VAI APRENDER

- Fundamentos históricos, legais e culturais da comunidade surda no Brasil.
- Estrutura fonológica, morfológica e sintática da Língua Brasileira de Sinais.
- Desenvolvimento de estratégias pedagógicas para a educação bilíngue.
- Adaptação de materiais didáticos e metodologias de avaliação inclusiva.
- Uso de classificadores e expressões não manuais para a clareza comunicativa.

- Mediação da aprendizagem e o papel do tradutor-intérprete no contexto escolar.
-

PÚBLICO-ALVO:

- Professores da Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio.
 - Psicopedagogos, Coordenadores Pedagógicos e Gestores Escolares.
 - Estudantes de Pedagogia e Licenciaturas que buscam especialização em Inclusão.
 - Profissionais que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE).
 - Interessados na promoção da acessibilidade comunicativa em ambientes educativos.
-

MÓDULOS E AULAS

Módulo 1: Fundamentos Históricos e Culturais da Surdez

Aula 1.1: A Evolução da Educação de Surdos no Brasil e no Mundo A trajetória histórica da educação de surdos é marcada por tensões entre diferentes filosofias pedagógicas que moldaram a percepção atual sobre a deficiência auditiva. Inicialmente, o foco estava no **Oralismo**, uma abordagem que buscava a reabilitação da fala e a integração do surdo na sociedade ouvinte através da supressão da língua de sinais. No entanto, o Congresso de Milão em 1880 representou um retrocesso significativo ao proibir o uso das línguas gestuais, gerando décadas de isolamento

linguístico para essa população. Somente no final do século vinte, com a ascensão da **Comunicação Total** e, posteriormente, do **Bilinguismo**, é que a identidade surda passou a ser respeitada. Entender essa cronologia é essencial para que o educador compreenda por que a Libras não é apenas um código de comunicação, mas um pilar de resistência cultural e um direito linguístico inalienável garantido por lei.

Aula 1.2: Identidade Surda e a Cultura Visual no Contexto Escolar A identidade surda é construída através de uma experiência visual de mundo, o que diferencia drasticamente o processo de aprendizagem do aluno surdo em relação ao aluno ouvinte. Para o educador, é imperativo compreender que o pertencimento à **Comunidade Surda** envolve valores, crenças e comportamentos específicos que se manifestam através da língua. A escola deve ser um espaço que valoriza a **Cultura Visual**, onde a informação é processada primordialmente pela visão. Isso exige que o ambiente escolar seja adaptado com recursos que priorizem o campo visual, desde a organização das carteiras em semicírculo até o uso de sinalizações luminosas. O reconhecimento da identidade surda como uma diferença linguística, e não como uma patologia, é o primeiro passo para uma prática pedagógica verdadeiramente inclusiva e respeitosa.

Aula 1.3: Aspectos Legais e a Lei 10.436 de 2002 A base jurídica que sustenta a obrigatoriedade da Libras no Brasil é a Lei 10.436, promulgada em 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão. Esta legislação representou um marco histórico, obrigando o poder público e as instituições de ensino a garantir o atendimento e o suporte necessário aos estudantes surdos. Além disso, o Decreto 5.626 de 2005 regulamentou essa lei, inserindo a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores e fonoaudiologia. O educador precisa dominar esses

instrumentos legais para assegurar que os direitos dos alunos sejam respeitados, garantindo a presença de **Intérpretes de Libras** e a oferta de uma educação que respeite a singularidade linguística do aluno no ambiente acadêmico.

Aula 1.4: O Modelo Social da Deficiência versus o Modelo Médico O entendimento da surdez sob o prisma do **Modelo Médico** foca na perda auditiva como uma deficiência que precisa ser consertada ou curada através de próteses e treinamento de fala. Em contraste, o **Modelo Social** propõe que as barreiras não residem no indivíduo, mas na sociedade que não oferece acessibilidade. No ambiente educativo, essa distinção é crucial para a definição das metodologias de ensino. Ao adotar o modelo social, o professor desloca sua atenção da limitação auditiva para as potencialidades cognitivas do aluno, focando em como a escola pode eliminar as barreiras comunicativas. Essa mudança de paradigma favorece o desenvolvimento da **Autonomia do Estudante**, permitindo que ele se desenvolva plenamente através de uma língua que lhe é natural e acessível, promovendo uma inclusão de fato.

Aula 1.5: Mitos e Verdades sobre a Língua Brasileira de Sinais Muitos equívocos cercam a natureza das línguas de sinais, o que pode prejudicar a atuação docente. Um dos mitos mais comuns é a crença de que a Libras é universal, quando, na verdade, cada país possui sua própria língua de sinais, com variações regionais e culturais próprias. Outro erro frequente é considerar a Libras como uma mera tradução sinalizada do português ou uma linguagem de gestos rudimentares. A Libras possui uma gramática complexa, com níveis de análise linguística que incluem a fonologia, morfologia e sintaxe. O educador deve estar ciente de que a Libras é uma **Língua Natural**, com capacidade infinita de expressão de conceitos abstratos e técnicos. Desmistificar essas ideias é fundamental para que o

professor trate a Libras com o mesmo rigor acadêmico dedicado às línguas orais-auditivas.

Módulo 2: Estrutura Linguística da Libras I

Aula 2.1: Parâmetros Fonológicos: Configuração de Mão e Ponto de Articulação A estrutura da Libras é composta por unidades mínimas que formam os sinais, conhecidas como parâmetros. A **Configuração de Mão** refere-se ao formato que a mão assume para realizar um sinal, existindo dezenas de formas catalogadas na gramática da Libras. O **Ponto de Articulação** é o local no corpo ou no espaço neutro onde o sinal é executado. Esses elementos são comparáveis aos fonemas das línguas orais. Para o educador, a precisão na execução desses parâmetros é vital para que a comunicação seja clara e sem ambiguidades. Erros na configuração ou no ponto de articulação podem alterar completamente o significado de uma palavra, transformando um termo técnico em algo sem sentido ou ofensivo, o que demonstra a necessidade de um estudo sistemático dessas bases.

Aula 2.2: Movimento e Orientação da Palma da Mão Dando continuidade ao estudo dos parâmetros, o **Movimento** e a **Orientação da Palma** são essenciais para a distinção de sinais. O movimento pode ser retilíneo, circular, helicoidal, entre outros, e sua ausência também possui valor gramatical. A orientação da palma determina para onde a palma da mão está voltada durante a execução: para cima, para baixo, para dentro, para fora, para a direita ou para a esquerda. Esses componentes trazem dinamismo à língua e são fundamentais para a fluência. No contexto escolar, ao ensinar um novo conceito em Libras, o professor deve enfatizar esses detalhes visuais para que o aluno surdo possa codificar

corretamente o sinal associado ao conteúdo acadêmico que está sendo apresentado em sala de aula.

Aula 2.3: Expressões Não Manuais e a Marcação Gramatical As **Expressões Não Manuais** envolvem movimentos faciais e corporais que desempenham funções gramaticais decisivas na Libras. Elas não são meros acompanhamentos emocionais, mas componentes que definem tipos de frases, como interrogativas, negativas ou exclamativas. Por exemplo, uma inclinação de cabeça acompanhada de um franzir de sobrancelhas pode transformar uma afirmação em uma pergunta. Sem o uso correto das expressões não manuais, a Libras torna-se monótona e, muitas vezes, incompreensível sintaticamente. O educador deve treinar sua expressividade facial para garantir que a entonação da mensagem seja transmitida corretamente ao aluno, permitindo que as nuances do discurso acadêmico sejam plenamente percebidas pelo estudante surdo.

Aula 2.4: Datilologia e o Uso de Empréstimos Linguísticos A **Datilologia**, ou o alfabeto manual, é o recurso utilizado para soletrar nomes próprios, termos técnicos que ainda não possuem sinais específicos ou palavras da língua portuguesa. É uma ponte importante entre a Libras e a escrita do português, mas não deve ser confundida com a língua de sinais em si. O uso excessivo da datilologia torna a comunicação lenta, por isso, o educador deve priorizar o uso de sinais conceituais. Em casos de **Empréstimos Linguísticos**, a Libras incorpora elementos do português escrito, adaptando-os para a modalidade sinalizada. Compreender quando e como usar o alfabeto manual é uma competência técnica necessária para o professor, especialmente no ensino de disciplinas com vocabulário muito específico, como química ou biologia.

Aula 2.5: Escrita de Sinais (SignWriting) e a Alfabetização do Surdo A **Escrita de Sinais**, comumente referenciada pelo sistema SignWriting, é

uma forma de registrar graficamente as línguas de sinais sem depender de uma língua oral. Embora o português escrito seja a segunda língua do aluno surdo, a escrita de sinais pode atuar como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da consciência fonológica na Libras. Ao visualizar a estrutura dos sinais no papel, o aluno aprimora sua compreensão gramatical e linguística. Para o educador, conhecer os princípios básicos dessa grafia permite a criação de materiais didáticos mais inclusivos e específicos para o letramento visual. A utilização da escrita de sinais favorece a **Interpedagogia**, onde o aluno transita entre sua língua materna e a língua majoritária do país com maior segurança.

Módulo 3: Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem

Aula 3.1: Neurociência e a Plasticidade Cerebral no Indivíduo Surdo A neurociência comprova que o cérebro humano possui uma capacidade notável de adaptação, conhecida como **Plasticidade Cerebral**. No caso de indivíduos surdos, as áreas do córtex auditivo que não recebem estímulos sonoros costumam ser reorganizadas para processar informações visuais e táteis com maior acuidade. Isso significa que o processamento cognitivo do surdo é altamente eficiente na modalidade visual-espacial. O educador deve entender que a aprendizagem não é prejudicada pela falta de audição, mas sim pela falta de acesso a uma língua estruturada em períodos críticos do desenvolvimento. Ao oferecer estímulos visuais adequados, o professor potencializa a formação de novas conexões neurais, garantindo que o desenvolvimento intelectual do aluno seja equivalente ao de seus pares ouvintes.

Aula 3.2: O Papel da Língua Materna na Estruturação do Pensamento A linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas o suporte

fundamental para a estruturação do pensamento abstrato. De acordo com a teoria de Vygotsky, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende da mediação simbólica. Para a criança surda, a Libras atua como essa **Língua Materna** que permite a organização interna do mundo e a formação de conceitos complexos. Quando o acesso à língua de sinais é postergado, ocorre o chamado privacionismo linguístico, que pode gerar atrasos cognitivos. O educador tem o papel vital de fomentar o uso da Libras desde cedo, assegurando que o aluno tenha um repertório linguístico sólido para sustentar seu raciocínio lógico e sua capacidade de abstração durante todo o processo educativo.

Aula 3.3: Atenção Visual e Memória de Trabalho em Alunos Surdos Alunos surdos desenvolvem uma **Atenção Visual** periférica e focada muito mais aguçada que os ouvintes. No entanto, essa atenção é finita e pode ser facilmente sobrecarregada em ambientes com excesso de estímulos ou quando o professor não respeita o tempo de troca de olhar. A **Memória de Trabalho** visual do estudante surdo é o canal por onde passam as informações durante uma explicação em sala de aula. Se o educador fala e aponta para o quadro simultaneamente, o aluno entra em conflito atencional, pois não pode olhar para o intérprete e para o objeto de estudo ao mesmo tempo. A organização da aula deve prever pausas visuais e uma distribuição temporal que respeite o fluxo de processamento de informação da via visual.

Aula 3.4: Desenvolvimento Socioemocional e Interação com Pares O desenvolvimento integral do aluno surdo envolve também sua saúde emocional e suas competências sociais. Muitas vezes, o aluno surdo é o único em sua família e em sua sala de aula, o que pode gerar sentimentos de isolamento e baixa autoestima. A interação com pares surdos e com adultos que utilizam a Libras fluentemente é essencial para a construção

de uma autoimagem positiva. O educador deve promover dinâmicas de grupo que incluam a Libras e valorizem a diversidade. A **Inclusão Escolar** só é efetiva quando o aluno se sente parte integrante do grupo, sendo capaz de expressar seus sentimentos, dúvidas e opiniões. O suporte socioemocional fortalece a resiliência e a motivação para o aprendizado acadêmico.

Aula 3.5: Teoria da Mente e a Comunicação na Infância Surda A **Teoria da Mente** é a capacidade cognitiva de atribuir estados mentais, desejos e intenções a si mesmo e aos outros. Crianças que vivenciam ambientes ricos em comunicação desenvolvem essa habilidade naturalmente. No entanto, crianças surdas filhas de pais ouvintes que não sabem Libras podem apresentar atrasos nesse desenvolvimento devido à falta de acesso a conversas sobre estados internos e perspectivas alheias. Na escola, o educador pode intervir através de atividades de contação de histórias em Libras e jogos teatrais que estimulem a compreensão do ponto de vista do outro. Promover um ambiente comunicativo fluido é determinante para que o aluno surdo desenvolva empatia e competência social, bases para qualquer aprendizado posterior.

Módulo 4: Gramática Aplicada à Educação I

Aula 4.1: Tipologia Frasal: Afirmações, Negações e Perguntas A construção de frases em Libras obedece a regras gramaticais específicas que diferem da estrutura do português. As frases afirmativas geralmente mantêm uma expressão facial neutra ou positiva, enquanto as negativas exigem uma marcação facial característica, como o balançar da cabeça ou um movimento específico da boca. As frases interrogativas são classificadas em perguntas de sim/não e perguntas que utilizam pronomes

interrogativos (quem, onde, por que). O educador deve dominar essas estruturas para formular comandos claros em sala de aula. Saber diferenciar a sinalização de uma pergunta de uma ordem direta é crucial para a gestão da classe e para a compreensão das tarefas por parte do aluno surdo.

Aula 4.2: O Uso do Espaço na Libras: Referencialização e Localização Diferente das línguas orais, a Libras utiliza o espaço tridimensional à frente do sinalizador para organizar o discurso. Este recurso é chamado de **Espaço Gramatical**. Através da localização, o sinalizador pode posicionar objetos e pessoas no espaço e referir-se a eles apenas apontando ou direcionando o olhar. Para o professor, esta técnica é extremamente útil para explicar conceitos geográficos, históricos ou biológicos, criando "mapas mentais" visuais no espaço. A organização lógica dos elementos no espaço facilita a memorização e a compreensão da hierarquia das informações, tornando o ensino mais dinâmico e visualmente estruturado para o estudante que depende desse canal perceptivo.

Aula 4.3: Pronomes Pessoais, Possessivos e Demonstrativos Os pronomes em Libras são realizados através de apontamentos, mas cada categoria possui nuances próprias. Os pronomes pessoais utilizam a configuração de mão em indicador, enquanto os possessivos geralmente utilizam a palma da mão aberta direcionada ao possuidor. Os demonstrativos exigem que o olhar e a mão apontem para o objeto real ou imaginário no espaço de sinalização. No contexto pedagógico, o uso correto dos pronomes evita confusões em narrativas e instruções. O educador deve ensinar o aluno a utilizar esses pronomes para que ele possa construir frases coerentes e coesas, fundamentais para a produção de textos sinalizados e para a participação ativa em debates escolares.

Aula 4.4: Flexão Verbal: Verbos Simples e Verbos de Concordância Os verbos na Libras podem ser divididos em categorias dependendo de como interagem com o sujeito e o objeto. Os **Verbos Simples** não alteram sua forma para concordar com as pessoas do discurso (ex: amar, saber). Já os **Verbos de Concordância** ou direcionais alteram o ponto inicial e final do movimento para indicar quem realiza e quem recebe a ação (ex: dar, perguntar, responder). Entender essa mecânica é vital para a fluência do educador, pois permite que ele narre eventos e processos científicos de forma sintética e precisa. A economia linguística proporcionada pelos verbos direcionais torna a comunicação mais fluida, evitando repetições desnecessárias que podem cansar a visão do aluno.

Aula 4.5: Advérbios de Tempo e a Linha do Tempo Visual A marcação temporal na Libras não ocorre através de sufixos verbais como no português (cantei, cantarei), mas sim por meio de advérbios de tempo e da utilização da **Linha do Tempo**. O espaço próximo ao corpo representa o presente, o espaço à frente representa o futuro e o espaço atrás dos ombros representa o passado. O educador deve ser capaz de situar cronologicamente os conteúdos das aulas, utilizando sinais como "ontem", "hoje", "amanhã" ou "no futuro". Essa organização espacial do tempo é uma ferramenta didática poderosa para o ensino de História e outras disciplinas que requerem uma compreensão de sequenciamento temporal, ajudando o aluno surdo a construir uma linha cronológica mental sólida.

Módulo 5: Estratégias Pedagógicas Inclusivas

Aula 5.1: O Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) para o Aluno Surdo
O **Plano de Desenvolvimento Individual (PDI)** é um documento pedagógico essencial para nortear a inclusão de alunos com necessidades

específicas. Para o aluno surdo, o PDI deve prever metas linguísticas em Libras e em Língua Portuguesa (na modalidade escrita), além de adaptações curriculares necessárias. O educador deve colaborar com a equipe multidisciplinar para identificar os pontos fortes e as dificuldades do estudante, estabelecendo objetivos de curto, médio e longo prazo. Este plano não deve ser uma burocracia, mas um roteiro dinâmico que oriente as práticas em sala de aula, garantindo que o aluno receba o suporte necessário, como o uso de tecnologias assistivas e o acompanhamento no AEE.

Aula 5.2: Metodologias Visuais de Ensino: Mapas Mentais e Infográficos
Considerando que o aluno surdo processa a informação visualmente, o uso de **Metodologias Visuais** é indispensável. Mapas mentais, infográficos, fluxogramas e vídeos legendados ou sinalizados devem ser a base do material didático. O professor deve evitar textos densos sem suporte de imagens. Ao preparar uma aula sobre o ciclo da água, por exemplo, um infográfico animado é muito mais eficaz do que uma leitura longa. Essas ferramentas não beneficiam apenas o aluno surdo, mas toda a turma, pois promovem a síntese de ideias e a clareza conceitual. O design pedagógico deve ser pensado para ser "amigável ao olho", facilitando a retenção da informação através de associações visuais diretas.

Aula 5.3: Adaptação Curricular e Flexibilização Pedagógica
A adaptação curricular não significa simplificar o conteúdo ou reduzir o rigor acadêmico, mas sim oferecer caminhos alternativos para que o aluno surdo atinja os mesmos objetivos de aprendizagem que os demais. Isso pode envolver a substituição de uma prova oral por uma apresentação em Libras gravada em vídeo ou a permissão para que o aluno utilize dicionários de Libras durante as atividades. A **Flexibilização Pedagógica** exige sensibilidade

do educador para perceber quando o método tradicional é uma barreira. O foco deve ser sempre na competência e na habilidade a ser desenvolvida, permitindo que a língua de sinais seja o veículo legítimo de demonstração de conhecimento por parte do estudante.

Aula 5.4: O Papel do Intérprete Educacional em Sala de Aula O **Tradutor e Intérprete de Libras (TILS)** é um profissional mediador que viabiliza a comunicação entre o professor regente, o aluno surdo e os colegas ouvintes. No entanto, o educador não deve delegar ao intérprete a responsabilidade pedagógica sobre o aluno. O professor continua sendo o responsável pelo ensino e pela interação com o estudante. É fundamental que haja um momento de planejamento entre o professor e o intérprete para que este último conheça previamente o vocabulário técnico e os objetivos da aula. Uma parceria harmoniosa garante que a mensagem chegue ao aluno com fidelidade técnica e pedagógica, evitando distorções que poderiam comprometer o aprendizado.

Aula 5.5: Avaliação da Aprendizagem na Perspectiva Bilíngue Avaliar um aluno surdo requer um olhar atento às suas competências linguísticas. Como o português é sua segunda língua, erros de concordância ou grafia não devem ser punidos da mesma forma que seriam para um aluno ouvinte, priorizando-se o conteúdo semântico e a clareza das ideias. A **Avaliação Bilíngue** valoriza a expressão em Libras. O educador pode utilizar registros em vídeo para avaliar a fluência e o domínio do conteúdo. Além disso, as questões de provas escritas devem ser elaboradas de forma clara, evitando ambiguidades e figuras de linguagem complexas que podem não ter correspondência direta em Libras, garantindo que o teste avalie o conhecimento da disciplina e não apenas a habilidade de leitura no português.

Módulo 6: Vocabulário Técnico e Escolar I

Aula 6.1: Vocabulário de Sala de Aula e Objetos Escolares Para estabelecer uma rotina funcional, o educador deve dominar os sinais dos objetos e ações cotidianas da escola. Termos como "caderno", "caneta", "lápiz", "mochila", "quadro", "apagador" e "livro" são fundamentais. Além dos objetos, verbos de ação como "escrever", "ler", "estudar", "pesquisar" e "prestar atenção" formam a base da comunicação direta. O domínio deste vocabulário permite que o professor dê instruções simples sem depender constantemente do intérprete, criando um vínculo direto de autoridade e afeto com o aluno surdo. A repetição desses sinais no dia a dia auxilia na fixação tanto para o professor quanto para o aluno iniciante na língua.

Aula 6.2: Disciplinas Curriculares e Cargos Escolares Cada disciplina possui um sinal específico que muitas vezes remete à sua característica principal: Matemática (associado a cálculos), História (movimento de tempo), Geografia (globo terrestre), Biologia (vida/seres vivos). Conhecer os sinais das disciplinas ajuda na organização do quadro de horários e na transição entre aulas. Da mesma forma, é importante conhecer os sinais para os profissionais da escola: "diretor", "coordenador", "professor", "secretário" e "merendeira". Essa rede terminológica insere o aluno surdo na hierarquia e na estrutura organizacional da escola, permitindo que ele saiba a quem recorrer em diferentes situações, promovendo sua autonomia no ambiente escolar.

Aula 6.3: Números, Quantidades e Operações Matemáticas O sistema numérico na Libras possui particularidades, como a diferenciação entre números cardinais (quantidade), ordinais (ordem/posição) e números que indicam medidas ou valores. No ensino da Matemática, o educador deve conhecer os sinais para as operações básicas: adição, subtração,

multiplicação e divisão. Além disso, conceitos como "maior que", "menor que", "igual" e "porcentagem" possuem sinais específicos. A visualização das operações no espaço de sinalização ajuda o aluno a compreender a lógica matemática. O professor deve estar atento para não confundir o sinal de um número com a configuração de mão de uma letra, o que é um erro comum entre aprendizes de Libras.

Aula 6.4: Cores, Formas Geométricas e Conceitos Abstratos O ensino de artes e conceitos fundamentais na educação infantil e anos iniciais depende do domínio das cores e formas. Sinais para "azul", "vermelho", "amarelo", "verde" e suas variações de tonalidade (claro/escuro) são básicos. As formas geométricas como "círculo", "quadrado", "triângulo" e "retângulo" são geralmente sinalizadas através do desenho da forma no ar (sinais icônicos). Conceitos abstratos como "beleza", "importância", "dúvida" e "certeza" também devem ser introduzidos. O educador utiliza esses sinais para dar feedback sobre os trabalhos dos alunos e para construir descrições mais ricas, enriquecendo o repertório semântico do estudante surdo.

Aula 6.5: Dias da Semana, Meses e Noções de Calendário A organização temporal é um pilar da educação. O educador deve saber sinalizar os dias da semana (segunda a domingo) e os meses do ano. Muitos desses sinais são baseados em letras do alfabeto manual ou em características culturais. Trabalhar o calendário diariamente com o aluno surdo ajuda na noção de sequência e planejamento. Sinais como "feriado", "recesso", "prova", "entrega de trabalho" e "reunião de pais" são essenciais para que o aluno se organize. A previsibilidade das atividades escolares reduz a ansiedade e melhora o engajamento do estudante nas tarefas propostas, pois ele passa a ter controle sobre sua rotina acadêmica.

Módulo 7: Gramática Aplicada à Educação II

Aula 7.1: Classificadores: Descrição de Formas, Tamanhos e Movimentos

Os **Classificadores (CL)** são configurações de mão que, associadas a um movimento e a um ponto de articulação, descrevem as propriedades físicas de um objeto ou a maneira como uma ação é realizada. Eles funcionam como uma ferramenta de descrição visual altamente detalhada. Na educação, os classificadores são indispensáveis para explicar fenômenos físicos, anatomia humana ou geometria. Por exemplo, o professor pode usar um classificador para representar o fluxo do sangue nas veias ou a inclinação de uma montanha. O domínio dos classificadores permite que o educador transmita informações complexas que as palavras muitas vezes não conseguem descrever com a mesma precisão visual, tornando a explicação muito mais palpável para o aluno surdo.

Aula 7.2: Intensificadores e Advérbios de Modo Na Libras, a intensidade de uma ação ou a qualidade de um adjetivo não é expressa apenas por palavras como "muito" ou "pouco", mas principalmente pela alteração da velocidade e da tensão do movimento, aliada à expressão facial. Isso é o que chamamos de **Intensificadores**. Por exemplo, o sinal de "rápido" pode ser feito de forma suave ou muito brusca para indicar níveis diferentes de velocidade. Os advérbios de modo também seguem essa lógica. Para o educador, saber modular a sinalização é fundamental para dar ênfase a partes importantes da aula. Essa variação dinâmica mantém a atenção do aluno e ajuda na compreensão das nuances do discurso, como a diferença entre algo "importante" e algo "fundamental".

Aula 7.3: Pluralidade e Quantificadores na Libras Diferente do português, a Libras não utiliza o "s" para marcar o plural. A pluralidade pode ser expressa de diversas formas: pela repetição do sinal, pelo uso de numerais, por quantificadores como "muitos", "alguns" ou "diversos", ou

pelo uso de classificadores que indicam um conjunto de objetos. Em um contexto de ensino de ciências naturais, por exemplo, ao falar de uma floresta, o professor pode repetir o sinal de "árvore" em vários pontos do espaço. Compreender essas estratégias de pluralização permite ao educador descrever cenários e coleções de dados de maneira gramaticalmente correta, facilitando a construção de imagens mentais precisas pelo aluno surdo.

Aula 7.4: Tipos de Verbos: Verbos com Incorporação de Objeto e Instrumento Alguns verbos na Libras incorporam o objeto ou o instrumento da ação no próprio sinal. Por exemplo, o sinal para "escovar os dentes" já contém o instrumento (escova) e a ação. O sinal de "escrever" também sugere o ato de segurar um lápis ou caneta. Essa característica de **Incorporação** torna a língua extremamente visual e eficiente. O educador deve estar atento a esses verbos, pois eles facilitam a demonstração de procedimentos técnicos e práticos. Ao explicar uma técnica laboratorial ou um processo artesanal, o uso de verbos de incorporação permite que a explicação seja clara e direta, eliminando a necessidade de sinalizar cada elemento separadamente.

Aula 7.5: Estrutura Tópico-Comentário e Foco na Informação A estrutura frasal mais comum na Libras é o **Tópico-Comentário**, onde primeiro se apresenta o assunto principal (tópico) e depois se faz uma afirmação ou pergunta sobre ele (comentário). Por exemplo: "Laranja, você gosta?". Essa estrutura é mais intuitiva para a percepção visual do que a ordem Sujeito-Verbo-Objeto do português. O educador deve praticar essa organização do pensamento para que suas explicações sejam mais naturais para o aluno. Ao destacar o tópico primeiro, o professor prepara o terreno cognitivo do estudante, garantindo que ele saiba exatamente

sobre o que está sendo falado antes de receber a informação detalhada sobre o assunto.

Módulo 8: Tecnologia e Recursos Assistivos

Aula 8.1: O Uso de Softwares de Tradução e Dicionários Online A tecnologia é uma grande aliada da inclusão. Existem diversos **Dicionários de Libras Online** e aplicativos que auxiliam na consulta rápida de sinais. Softwares que realizam a tradução automática de texto para Libras, através de avatares tridimensionais, podem ser úteis para consultas pontuais, embora não substituam o intérprete humano em sua complexidade. O educador deve orientar o aluno a utilizar essas ferramentas para expandir seu vocabulário e para apoiar o estudo individual. Conhecer as limitações e as potencialidades dessas tecnologias é necessário para que o professor faça indicações assertivas que realmente contribuam para a autonomia linguística do estudante.

Aula 8.2: Produção de Videoaulas com Janela de Libras e Legendagem Com a digitalização do ensino, a criação de conteúdos acessíveis tornou-se uma competência docente. O educador deve aprender as diretrizes básicas para produzir videoaulas que incluam a **Janela de Libras** (onde o intérprete aparece) e legendas sincronizadas. A janela de Libras deve ter um tamanho adequado e contraste de fundo que facilite a visualização dos sinais. A legendagem, por sua vez, deve seguir padrões de legibilidade e tempo de leitura. Esses recursos garantem que o conteúdo seja acessível não apenas para alunos surdos sinalizantes, mas também para aqueles que preferem a leitura orofacial ou que estão em processo de alfabetização no português.

Aula 8.3: Aplicativos Móveis para Aprendizado e Comunicação Há uma vasta gama de aplicativos desenvolvidos para facilitar a comunicação imediata e o aprendizado de Libras. Ferramentas que utilizam realidade aumentada ou jogos educativos podem tornar o aprendizado de sinais muito mais lúdico para crianças surdas e ouvintes. O educador pode integrar esses aplicativos em suas sequências didáticas como atividades complementares. Além disso, aplicativos de comunicação por vídeo são fundamentais para a interação entre professor e aluno em momentos de ensino remoto ou tutoria. Incentivar o uso ético e produtivo da tecnologia reforça a **Cultura Digital** do aluno, preparando-o para os desafios do mundo contemporâneo.

Aula 8.4: Tecnologias Assistivas de Áudio: Aparelhos e Implantes Embora o foco do curso seja a Libras, o educador deve ter conhecimentos básicos sobre as tecnologias que muitos alunos surdos utilizam, como o **Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI)** e o **Implante Coclear (IC)**. Essas tecnologias não "curam" a surdez, mas podem auxiliar na percepção de sons ambientais ou na fala para alunos com resíduo auditivo. O uso do **Sistema de Frequência Modulada (FM)** em sala de aula, onde o professor usa um microfone que transmite o som diretamente para o aparelho do aluno, reduz o ruído de fundo e melhora a clareza da voz. Entender como esses dispositivos funcionam ajuda o professor a zelar pelo seu uso correto e a compreender as necessidades de escuta do aluno.

Aula 8.5: Recursos Visuais Digitais e Plataformas de Ensino Acessíveis Plataformas de ensino (LMS) devem ser configuradas para oferecer acessibilidade. Isso inclui descrições de imagens para alunos com baixa visão e, primordialmente, suporte para vídeos em Libras para alunos surdos. O educador deve priorizar o uso de plataformas que permitam a

organização visual clara dos conteúdos, com ícones intuitivos e menus de fácil navegação. O uso de **Infográficos Interativos** e simulações digitais pode ser um diferencial no ensino de disciplinas complexas. A acessibilidade digital não é um luxo, mas um requisito para a democratização do conhecimento e para a garantia de que nenhum aluno seja deixado para trás devido a barreiras tecnológicas.

Módulo 9: Alfabetização e Letramento do Aluno Surdo

Aula 9.1: A Libras como Ponte para a Aquisição da Escrita Para o aluno surdo, a aquisição da escrita do português deve ocorrer preferencialmente em uma perspectiva de **Segunda Língua (L2)**. A Libras serve como a base conceitual para que o aluno entenda o significado das palavras escritas. O educador deve realizar atividades de comparação linguística, mostrando como uma ideia é expressa em sinais e como ela é grafada em português. Esse processo evita que a escrita seja apenas uma cópia sem sentido de letras. O letramento envolve a compreensão da função social da escrita, e o uso de textos que façam parte do universo cultural do aluno surdo facilita esse engajamento, tornando o aprendizado do português mais significativo e menos frustrante.

Aula 9.2: Estratégias de Leitura Visual e Compreensão Textual Ler um texto em português é uma tarefa complexa para quem não ouve os sons das palavras. O educador deve focar na **Leitura Visual**, utilizando pistas contextuais, imagens e conhecimentos prévios para ajudar o aluno a decifrar o texto. O uso de "glosas" (transcrições da Libras para o papel) pode ajudar o aluno a organizar suas ideias antes de passá-las para a estrutura do português. Técnicas de paráfrase sinalizada, onde o aluno lê um parágrafo e o explica em Libras, são excelentes para verificar a

compreensão real do conteúdo. O professor deve atuar como um mediador que auxilia o aluno a construir pontes entre a imagem, o sinal e a palavra escrita.

Aula 9.3: Ensino de Português como Segunda Língua (PL2) O ensino de **Português como Segunda Língua** exige metodologias específicas que diferem do ensino para ouvintes. O foco deve ser na morfossintaxe e na semântica, em vez da fonética. O educador deve trabalhar com contrastes, demonstrando as diferenças estruturais entre a Libras (que é espacial e visual) e o português (que é linear e oral-auditivo). Atividades que envolvem a reestruturação de frases e o uso de conectivos são fundamentais, pois essas são áreas de maior dificuldade para o aluno surdo. O respeito ao tempo de aprendizagem e a valorização das produções escritas do aluno, mesmo que apresentem marcas de interlíngua, são fundamentais para manter a motivação e o progresso acadêmico.

Aula 9.4: Produção Textual e a Expressão Criativa do Surdo Incentivar a produção textual vai além de cobrar gramática correta; trata-se de permitir que o aluno se expresse. O educador pode propor a criação de "diários de sinais" (registros em vídeo) que depois são transformados em textos escritos. O uso de **Literatura Surda** e poesias em Libras pode inspirar o aluno a criar suas próprias histórias. A expressão criativa deve ser estimulada através de diferentes mídias. Quando o aluno percebe que suas ideias são valorizadas, ele se sente mais seguro para enfrentar os desafios da escrita formal. O professor deve fornecer feedbacks construtivos que foquem na clareza da comunicação e na organização do pensamento.

Aula 9.5: O Papel da Literatura Surda na Formação do Leitor A **Literatura Surda** compreende produções literárias feitas por surdos e para surdos,

muitas vezes utilizando a Libras como suporte principal. Elas trazem personagens surdos, vivências da comunidade e exploram a estética visual da língua. Introduzir esses textos na escola é fundamental para o fortalecimento da identidade do aluno e para o desenvolvimento do prazer pela leitura. O educador pode trabalhar com adaptações de contos clássicos para a cultura surda (como a "Cinderela Surda") e explorar as rimas visuais e o ritmo das sinalizações poéticas. Isso amplia o horizonte cultural do estudante e demonstra que sua língua é capaz de produzir arte e literatura de alto nível.

Módulo 10: Vocabulário Técnico e Escolar II

Aula 10.1: Vocabulário de Ciências Naturais e Meio Ambiente O ensino de ciências exige sinais específicos para fenômenos biológicos e geológicos. O educador deve aprender sinais para "célula", "átomo", "evasão", "sustentabilidade", "ecossistema" e "evolução". Muitas vezes, sinais para termos científicos são criados pela própria comunidade surda universitária e devem ser pesquisados. Quando não há um sinal convencional, o professor pode criar um **Sinal Temporário** (sinal combinado) com o aluno, baseado no conceito visual do objeto de estudo, até que se encontre uma referência oficial. Essa prática estimula a criatividade terminológica e garante que a aula não perca o ritmo pela falta de um vocabulário prévio.

Aula 10.2: Termos Históricos, Geográficos e Sociais Para as ciências humanas, é essencial dominar sinais que representam conceitos temporais e espaciais complexos: "império", "democracia", "revolução", "continente", "latitude", "globalização". Sinais para nomes de países e estados também são fundamentais, evitando o uso excessivo de datilologia. O educador deve ser capaz de descrever processos sociais e

conflitos históricos utilizando o espaço de sinalização para posicionar diferentes grupos ou nações. A compreensão de conceitos como "cidadania" e "direitos humanos" em Libras permite que o aluno surdo participe ativamente das discussões sobre o mundo ao seu redor, desenvolvendo seu senso crítico.

Aula 10.3: Linguagem Matemática Avançada e Raciocínio Lógico Aprofundando o vocabulário matemático, o educador deve conhecer sinais para "geometria", "álgebra", "fração", "raiz quadrada", "equação" e "função". O uso de classificadores para descrever gráficos e parábolas no ar é uma técnica didática muito eficaz. O raciocínio lógico pode ser estimulado através de desafios sinalizados que envolvam sequências e padrões. O professor deve estar atento para que os sinais utilizados não criem confusão conceitual. A matemática, por ser uma linguagem universal de padrões, pode ser muito bem assimilada pelo aluno surdo se a mediação em Libras for precisa e visualmente bem estruturada.

Aula 10.4: Expressões Relacionadas à Saúde e ao Corpo Humano No contexto escolar, é vital saber comunicar-se sobre saúde e bem-estar. Sinais para partes do corpo humano, órgãos internos e sensações físicas (dor, mal-estar, cansaço) são necessários tanto para o ensino de biologia quanto para o cuidado cotidiano. O educador deve conhecer sinais para "prevenção", "vacina", "higiene" e "nutrição". Em casos de emergência ou quando o aluno se sente doente, a habilidade do professor em entender e sinalizar sobre sintomas pode fazer uma grande diferença no atendimento inicial. Além disso, o ensino de educação sexual e autoconhecimento corporal requer um vocabulário técnico respeitoso e claro em Libras.

Aula 10.5: Vocabulário de Artes, Cultura e Esportes A educação física e as artes são áreas de grande expressão para o aluno surdo. O professor deve conhecer os sinais para modalidades esportivas, regras de jogos e

conceitos artísticos como "pintura", "escultura", "ritmo" (perceptível através da vibração) e "composição". No esporte, o uso de sinais visuais de arbitragem substitui o apito. Nas artes, a Libras pode ser explorada como uma forma de performance. Dominar esse vocabulário permite ao educador integrar o aluno plenamente em atividades práticas e recreativas, garantindo que ele compreenda as instruções e possa se expressar criativamente em todas as áreas do conhecimento.

Módulo 11: Interação e Práticas de Diálogo

Aula 11.1: Técnicas de Abordagem e Início de Conversação A forma como o educador aborda o aluno surdo estabelece o tom da relação pedagógica. Nunca se deve tocar bruscamente o aluno pelas costas; o correto é tocar levemente o ombro ou fazer um pequeno aceno visual dentro do campo de visão do estudante. Para iniciar a conversa, sinais de saudação ("bom dia", "tudo bem") e a apresentação pessoal são o ponto de partida. O educador deve manter contato visual constante, pois desviar o olhar equivale a interromper a fala. Essas normas de etiqueta da comunidade surda são fundamentais para criar um ambiente de respeito e confiança, facilitando a abertura do aluno para o aprendizado.

Aula 11.2: Gestão de Diálogos em Grupo e Turnos de Fala Em uma sala de aula com alunos surdos e ouvintes, a gestão dos **Turnos de Fala** é um desafio para o professor. É necessário estabelecer regras claras para que apenas uma pessoa fale ou sinalize por vez, permitindo que o intérprete e o aluno surdo acompanhem o fluxo da discussão. O educador pode utilizar um sinalizador visual (como levantar a mão ou um bastão de fala) para indicar quem está com a palavra. Garantir que o aluno surdo tenha tempo para processar a informação e responder é crucial, pois a tradução

simultânea possui um leve atraso natural. O professor deve mediar a interação para que o aluno surdo não seja apenas um espectador, mas um participante ativo.

Aula 11.3: Resolução de Conflitos e Mediação de Mal-entendidos Mal-entendidos comunicativos podem ocorrer devido a barreiras linguísticas ou diferenças culturais. O educador deve atuar como um mediador, mantendo a calma e buscando clarear as informações através de paráfrases e exemplos visuais. Se ocorrer um conflito entre alunos, o professor deve garantir que ambos os lados possam se expressar plenamente em sua língua de preferência. A empatia e a escuta ativa (visual) são ferramentas poderosas. Muitas vezes, o que parece um problema de comportamento é, na verdade, uma frustração pela falta de compreensão. Identificar a raiz do problema exige que o professor tenha sensibilidade e domínio básico da língua para intervir diretamente.

Aula 11.4: O Feedback Pedagógico em Libras Dar feedback ao aluno sobre seu desempenho é uma parte essencial do processo de ensino-aprendizagem. Em Libras, o feedback deve ser direto e visualmente claro. O professor deve usar expressões faciais que condigam com a mensagem (encorajamento, correção, atenção). Elogios como "parabéns", "ótimo trabalho" ou "você evoluiu" devem ser acompanhados de sinais que demonstrem entusiasmo. Para correções, é importante ser específico sobre o que precisa ser melhorado, utilizando exemplos práticos. O feedback positivo reforça a autoestima do aluno, enquanto o feedback corretivo, quando bem feito, fornece o mapa para o sucesso acadêmico.

Aula 11.5: Práticas de Storytelling e Narrativa Visual O uso de narrativas ou **Storytelling** é uma técnica pedagógica eficaz para prender a atenção e transmitir valores. Em Libras, as narrativas são ricas em classificadores, mudanças de perspectiva (incorporação de personagens) e dinamismo

espacial. O educador deve praticar contar pequenas histórias ou casos relacionados ao conteúdo da aula. Isso não só torna o aprendizado mais divertido, como também ajuda o aluno a memorizar conceitos de forma contextualizada. A narrativa visual permite que o aluno visualize a cena, facilitando a compreensão de processos históricos ou literários de maneira muito mais profunda do que uma simples leitura passiva.

Módulo 12: Ética, Profissionalismo e Inclusão Plena

Aula 12.1: Ética na Relação entre Professor, Aluno e Intérprete A relação triádica entre o professor regente, o aluno surdo e o intérprete deve ser pautada na ética e no profissionalismo. O professor não deve pedir ao intérprete que avalie o aluno ou que cuide da disciplina da classe; essas são funções docentes. Por outro lado, o intérprete deve manter a neutralidade e a fidelidade na tradução, não emitindo opiniões pessoais sobre o conteúdo da aula. O educador deve respeitar o espaço de trabalho do intérprete, garantindo boas condições de visibilidade e iluminação. O foco ético deve ser sempre o benefício da aprendizagem do aluno, mantendo uma comunicação transparente entre todos os envolvidos.

Aula 12.2: O Papel da Família na Educação do Aluno Surdo A família desempenha um papel determinante no sucesso escolar do aluno surdo. O educador deve buscar parcerias com os pais, incentivando-os a também aprender Libras para que a comunicação não se restrinja ao ambiente escolar. Muitas famílias ouvintes enfrentam lutos e dificuldades em aceitar a surdez; o professor pode atuar como uma ponte para informações e redes de apoio. Reuniões de pais devem ser acessíveis, garantindo que pais surdos também tenham intérpretes. Quando a família e a escola falam

a mesma língua, o aluno se sente amparado e motivado, acelerando seu desenvolvimento cognitivo e social.

Aula 12.3: Inclusão versus Integração: Desafios Contemporâneos É fundamental que o educador compreenda a diferença entre **Integração** (apenas colocar o aluno na sala e esperar que ele se adapte) e **Inclusão** (modificar o sistema para acolher o aluno). A inclusão plena exige mudanças estruturais, metodológicas e atitudinais. O desafio contemporâneo é superar a inclusão "no papel" e torná-la uma realidade vivida no cotidiano escolar. Isso envolve a formação contínua dos professores, a produção de materiais acessíveis e o combate ao preconceito (capacitismo). O educador deve ser um agente de transformação que questiona as barreiras existentes e propõe soluções criativas para garantir o direito à educação para todos.

Aula 12.4: Formação Continuada e a Busca pela Fluência A aprendizagem da Libras é um processo contínuo que não termina com a conclusão de um curso básico. O educador deve buscar a **Formação Continuada**, participando de oficinas, seminários e interagindo com a comunidade surda. A busca pela fluência permite que o professor tenha mais segurança em sala de aula e consiga transpor conteúdos cada vez mais complexos. Além disso, manter-se atualizado sobre as novas pesquisas na área de educação de surdos e linguística das línguas de sinais é essencial para uma prática docente baseada em evidências. A humildade em continuar aprendendo é o que define um profissional de excelência na educação especial.

Aula 12.5: O Futuro da Educação Bilíngue no Brasil O horizonte da educação de surdos aponta para o fortalecimento das **Escolas Bilíngues**, onde a Libras é a língua de instrução e o português é a segunda língua. O educador deve estar preparado para atuar tanto em escolas regulares

inclusivas quanto em centros especializados. O futuro exige uma pedagogia que valorize a diferença e que utilize a tecnologia como ferramenta de equidade. Como educadores, temos o compromisso de construir uma sociedade onde a surdez não seja vista como uma limitação, mas como uma característica humana que enriquece a diversidade cultural do nosso país através da sua língua e cultura próprias.

Módulo Extra

Fontes de referência sugeridas para estudos complementares

- FELIPE, Tanya A. Libras em Contexto: Curso Básico, Livro do Estudante. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- QUADROS, Ronice Müller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed.
- SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação.
- BRASIL. Lei n 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
- BRASIL. Decreto n 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n 10.436/2002.
- SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC.

- CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais. São Paulo: EDUSP.
- GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial.
- PERLIN, Gladis. O ser e o estar sendo surdos. Florianópolis: Editora da UFSC.